

SOCIOLOGIA E MÚSICA

Do difícil começo à boa garoa – análise da música Sampa, de Caetano Veloso.

Poliana Jacqueline Queiroz⁶
Leonardo Yamamura Bueno⁷

No dia a dia das grandes cidades – aglomerados de gente anônima, dos eternos transeuntes – muitos se esquecem de parar e perceber o mundo ao seu redor. Tomados pelo cotidiano, deixam de olhar, ouvir e pensar sobre tantas formas de interação que, julgadas compreendidas, apenas são apreensões supérfluas das experiências de outrem. Fruto da experiência de *intensificação da vida nervosa* a que remete Simmel (2005: 571), o espírito blasé e anímico dos cidadãos surge em contraposição com a velocidade das transformações da vida econômica, profissional e social. “É cultural”, se diz para os comportamentos diferenciados e que só se multiplicam pela *urbis*. Aceitação sem atenção. Mas o que se esconde por trás de tal olhar é o reducionismo e tantas outras formas caricatas de estereotipar o outro.

*Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João...*

E quando vamos de uma cidade a outra? As imagens construídas pelas propagandas e pelas agências de turismo, bem como a cidade experimentada pelas personagens das novelas e das obras literárias (e mesmo as músicas!) produzem pontos de vistas distintos olhando questões igualmente distintas da cidade vivida e compartilhada que edificam na mente das pessoas uma cidade ideal.

É sobre a chegada neste outro universo que se trata a música Sampa, do cantor Caetano Veloso⁸, resenhada no presente trabalho. A partir da transformação do olhar que o eu-lírico da música experimenta ao chegar e viver a cidade de São Paulo, entendemos que tal letra é “boa para

⁶ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT.

⁷ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT.

⁸ Lembramos que essa música já foi utilizada para revelar a possibilidade de se pensar a antropologia na cidade. Em 1996, José Guilherme Cantor Magnani, no texto: Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole, mostra que é possível fazer antropologia em sociedades complexas. Diferentemente do autor, nosso objetivo aqui é analisar a música e mostrar como ela pode ser utilizada para o ensino de Antropologia. Sobre este artigo conferir: Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

pensar”⁹ a inserção em campo e o processo de descoberta do antropólogo na pesquisa etnográfica. Também destacamos o quanto para a Sociologia e para as Ciências Sociais o contexto da cidade é um espaço fértil no qual é possível exercitarmos diariamente a imaginação sociológica que nos falava Wright Mills (1980). Tal análise pode ser importante no aprendizado, não só de Sociologia no Ensino Médio, como também de Antropologia, visto que este é um dos focos da Revista Café com Sociologia.

Foi por conta de um depoimento sobre São Paulo à uma rede de televisão que Caetano Veloso compôs a canção aqui analisada. Ela foi lançada no álbum *Muito – dentro desta estrela azulada*, em 1978. A letra descreve o momento em que Caetano Veloso chega à cidade e, por meio de metáforas e referências a lugares e outros grupos musicais, o cantor descreve a São Paulo que encontrou, relatando sobre as pessoas e experiências que viveu em seu encontro com a alteridade.

Segundo o dicionário *Michaelis*¹⁰ a palavra alteridade significa: *estado ou qualidade do que é outro, distinto, diferente*. Do ponto de vista antropológico essa definição importa para a discussão, haja vista entendermos que o estranhamento do outro é algo fundamental para a constituição do saber sobre nós mesmos. E é por meio da etnografia que podemos familiarizar com os grupos exóticos mais distantes tanto quanto com nossos “vizinhos” (tidos como um “outro” relativamente desconhecido, mas superficialmente próximo ao mesmo tempo).

I

Se pensarmos por meio da Sociologia, nos conectamos com as possibilidades de abordar o universo urbano com outras questões que incluam esses estranhamentos diários da cidade. Através do exercício da imaginação sociológica e ao prestarmos atenção à história, às biografias e às estruturas sociais, somos impelidos a tomarmos uma postura mais crítica e menos blasé com segmentos da sociedade tantas vezes banalizados em decorrência da exposição cotidiana.

Há muito intitulada como ciência do exótico, a Antropologia é caracterizada por suas reflexões acerca da diversidade cultural. Na tentativa de compreender as diversas maneiras com a qual as sociedades humanas dão sentido ao mundo, os antropólogos vêm se esforçando em interpretar a dinâmica cultural, tanto de grupos distantes da sua realidade, como de grupos próximos a si mesmos. É o que DaMatta chamou *de tornar o familiar exótico e o exótico familiar* (DaMatta,1978). No

⁹ Como sugere Lévi-Strauss (1967).

¹⁰ Muito embora a utilização de dicionário da língua portuguesa como referência bibliográfica, não seja indicada em textos acadêmicos, utilizamo-la com o objetivo de facilitar a compreensão da categoria. Tendo em vista, mais uma vez que o texto poderá ser utilizado para o ensino de Antropologia para estudantes de Ensino Médio. No entanto, uma discussão teórica acerca da alteridade está presente em: GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. (In) *Etnográfica*, Vol. X (1), 2006, pp.161-173

primeiro caso, é necessário um desligamento emocional¹¹ para transformá-lo, ao passo que o segundo, é o movimento fundador da antropologia, no qual os pesquisadores buscaram os enigmas sociais incompreendidos pelo seu tempo.

Uma das correntes teóricas da Antropologia nos ensina que as sociedades humanas precisam de sistemas de classificação para existir e para dar sentido a sua existência. Esse processo é, antes de tudo, um processo mental que se “materializa” por meio da linguagem. Entretanto a maneira como essa classificação ocorre pode ser arbitrária, visto que ao classificar e estabelecer um modo de vida, as sociedades humanas acabam violentando, ainda que de maneira simbólica, todo comportamento que foge daquele estabelecido como o mais natural.

Esse processo de descoberta do outro e de si mesmo é dado pelas mais importantes ferramentas do antropólogo: a etnografia e a relativização. Por meio delas o antropólogo apreende os códigos sociais das práticas e costumes que caracterizam a cultura. Mas isso não é fácil, já que “toda inserção em campo [...] é deparar-se com um mundo novo sobre o qual é preciso aprender” (LEITÃO, 2011, p. 13).

*É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas*

*Ainda não havia para mim Rita Lee
A tua mais completa tradução*

Ao falar sobre o ofício do antropólogo, Roberto Cardoso de Oliveira (1998) lembra que para compreender a diversidade humana, sua forma de pensar e seus sistemas simbólicos faz-se necessário desenvolver três habilidades: a de olhar, a de ouvir e a de escrever (esta última no sentido de refletir sobre o cotidiano). É bem verdade que o olhar ao qual se refere é treinado a partir da bagagem teórica, das leituras de outros relatos etnográficos e da compreensão do conhecimento produzido até então. O olhar expresso na música enxerga, mas não vê. Ao mesmo tempo, enquanto experimentamos a própria sonoridade lúdica das palavras e das descobertas do eu-lírico sobre a cidade de São Paulo, somos remetidos a outros *ouvires*. Rita Lee, a “mais completa tradução” do que seria aquela cidade; Mutantes e os Novos Baianos (que segundo a Revista Rolling Stone produziu o mais importante CD dentro da consolidação da Música Popular Brasileira¹²); são interlocutores desse

¹¹ Em O ofício de etnólogo, ou como ter "anthropological blues"(1978), Roberto DaMatta caracteriza esse movimento como *vir do estômago para a cabeça*.

¹² Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/46/tinindo-trincando-novos-baianos-e-o-melhor-da-musica-brasileira> (Último acesso em 12/07/2013).

processo em que não só os centros urbanos, como a própria polifonia brasileira marcou sua identidade.

*Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho*

Na Antropologia encontramos reflexões sobre as formas de se falar sobre o exótico sem nunca pensar a respeito. Como espelhos, essas falas expressam o local do falante e escondem o Outro além das molduras. Aquilo que se considera como melhor ao julgar moralmente o apreço estético, os gostos e os modos de ser e agir são todos reproduzidos no discurso. Ao chegar a São Paulo, o eu-lírico encara a cidade e não se reconhece nela, diagnostica tudo que há de diferente como mau-gosto e conclui: *Narciso acha feio o que não é espelho*. Mais uma vez, por meio dos diários de campo de grandes pensadores (MALINOWSKI, 1997; LEVI-STRAUS, 1979), a literatura antropológica mostrou a outra faceta da experiência etnográfica: a vontade de se isolar, fugir para a literatura, os desgostos sentidos na pele devido ao contato com populações que pensam, agem, sentem e reproduzem o mundo por sistemas simbólicos e de pensamento distintos e distantes dos nossos.

As obras de tais autores revelam que os cientistas têm a sua subjetividade e ela aflora a todo o momento mesmo que se esforce sistematicamente para ver o mundo através das lentes de pessoas de hábitos tão diferentes. Segundo Lévi-Strauss, o sentimento e a emoção seriam *hospedes não convidados da situação etnográfica*.

*E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos Mutantes*

Tal trecho nos revela a necessidade das mutações. Na música, quando não somos Mutantes apenas o conhecimento velho é aceito, do restante “à mente apavora”. A própria cidade de São Paulo com suas proporções e constante dinâmica em seus espaços de socialização representa a imagem do mutante. Ao lidar com o diferente estamos sujeitos à transformação, construímos uma relação de quem somos antes e quem passamos a ser após entrarmos em contato com o Outro inquietante.

*E foste um difícil começo
Afasta o que não conheço*

Só há Antropologia Social quando, de algum modo, se tem o exótico e este depende da distância social que se desenvolve em uma longa cadeia de relações estabelecidas na fronteira com o estranhamento. Em seus primórdios, a Antropologia tornou-se reconhecida pela apreensão desse outro distante que à época foram tomados como sociedades estranhas ao modo de vida europeu.

Ao realizar trabalho de campo nas ilhas Trobriand, Malinowski (1976), consolidou seu nome na história da antropologia por ser criador do método etnográfico. Entretanto, não foi fácil. No decorrer da obra o autor descreve as dificuldades encontradas ao se deparar com o outro.

Imagine o leitor que, de repente, desembarca sozinho numa praia tropical, perto de uma aldeia nativa, rodeado pelo seu material, enquanto a lancha ou a pequena baleeira que o trouxe navega até desaparecer de vista. Imagine ainda que é principiante, sem experiência anterior, sem nada para o guiar e ninguém para o ajudar, pois o homem branco está temporariamente ausente, ou então impossibilitado ou sem interesse em perder tempo consigo. Atravessei períodos de desânimo, alturas em que me refugiava na leitura de romances, tal como um homem levado a beber numa crise de depressão e tédio tropical. Imagine-se, agora, o leitor, entrando pela primeira vez na aldeia, sozinho ou na companhia do seu cicerone branco. Alguns nativos juntam-se em seu redor, especialmente se pressentirem que há tabaco. Tive que aprender a comportar-me e até certo ponto adquiri a sensibilidade (MALINOWSKI, 1997, p. 19).

*E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.*

*Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva*

Neste ponto, o compositor já discorre sobre uma cidade (e aqueles que ali frequentam) mais experimentada, menos mistificada. Depois da primeira impressão de choque entre a cidade imaginada e a cidade finalmente experimentada, vemos que ele já discorre de maneira menos subjetiva o que encontra. Não mais o oposto direto de outra realidade, ou o exato contrário daquilo imaginado, mas uma cidade diferente. Afinal, ao olhar de perto e de dentro, ao pensar as observações frutos da convivência com esses outros “mundos”, encontramos o *desavesso do avesso*: não tão somente a cidade idealizada através das formas de publicidade supracitadas, agora postas em relação com as experiências que transformaram o modo de ver e estar na cidade de São Paulo.

*Pan-Américas de Áfricas utópicas, tûmulo do samba
 Mais possível novo quilombo de Zumbi
 E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
 E Novos Baianos te podem curtir numa boa.*

Aproximando-se de uma conclusão e apoiados no clássico texto de Roberto DaMatta (1978), nós associamos a experiência do compositor às três fases do pesquisador: a primeira fase, caracterizada pelo antropólogo como teórico-intelectual e que é adjetivada pelo conhecimento universal, idealizado, sobretudo pelo não vivenciado. Retomamos a reflexão feita acima, quando falávamos de uma São Paulo transmitida pela televisão e pela ficção, totalmente diferenciada da São Paulo vivida “[...] com seus cheiros, dores e amores [...] perdas, ansiedades e medos”.

A segunda fase do sujeito pesquisador em campo refere-se à praticidade e os meios de adaptação. *Onde vou dormir, comer, viver* (p. 2), todas essas preocupações caracterizam o difícil começo transcrito pelo cantor. E, para finalizar, a fase pessoal ou existencial, na qual ocorre a imersão integralizadora, uma visão conjunta da qual, o antropólogo deve se esforçar para extrair do campo.

Do difícil começo experimentado pelos de fora (tanto o eu-lírico quanto os Novos Baianos), ao se aproximar dos distintos mundos não internalizados, que cotidianamente lidamos, passamos pelo processo penoso em que somos forçados a questionar a forma de enxergar a nossa realidade e como ela não exclui necessariamente outras maneiras de ver e sentir o espaço urbano compartilhado. Este exercício sempre valerá as duras penas que exige, já que expande os horizontes e transforma as *idades de curvas concretas e deselegantes* em terra da *boa garoa*.

[VELOSO, Caetano. Sampa. In: VELOSO, Caetano. GADÚ, Maria. Multishow ao vivo. São Paulo. Universal, 2011. (DVD). Faixa 10]

Referências Bibliográficas

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 17-35.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: NUNES, Edson (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

LEITÃO, D. Retrato do antropólogo enquanto avatar: pesquisa etnográfica e inserção em campo no Second Life. Trabalho apresentado na *IX Reunião de Antropologia do Mercosul*, que aconteceu entre os dias 10 e 13 de julho de 2011 em Curitiba, Paraná, Brasil.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1979.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Um Diário no Sentido Estrito do Termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: *Mana*, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

WRIGHT MILLS, C. *A imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.